

PESCA DO ATUM

Construam-se apenas atuneiros para a pesca longínqua e não para a costeira e local

(Conclusão da 1.ª página)

ções de quem possa dar-lhe assistência e contribuir para o seu desenvolvimento. É que a pesca em Portugal constitui não só apreciável fonte de recursos alimentares para a sua população, como é ainda origem de matéria-prima de importante indústria — a de conservas — que dela directamente deriva e que é produto de exportação por excelência, uma das principais fornecedoras de divisas e, por consequência, uma das que mais concorre para o fortalecimento da balança comercial, visto que desempenha papel de relevo no comércio externo do País.

A vida de hoje, quer nos meios políticos, quer nos industriais, não pode passar-se em compartimentos herméticos, onde a luz da polémica tenha proibida a entrada e, deste modo, tudo se passe como que em segredo. Necessita indispensavelmente de espaço livre e de discussão construtiva, porque só assim se poderão encontrar pontos de contacto comuns onde as opiniões se conciliem e se encontre aquele ponto médio propício a todas as conciliações proveitosas e por consequência necessárias.

Em matéria de «pesca marítima» muito se tem já feito, muitíssimo indubitavelmente, mas muito ainda haverá para se fazer. De facto, não se pesca ainda em Portugal tanto quanto a extensão do mar o permite. É ele — sem dúvida — fonte inesgotável de incalculáveis riquezas piscícolas. O trabalho organizado e convenientemente orientado é tudo, pois está na base de toda a prosperidade dos indivíduos e das nações.

O que a França tem realizado em Dacar, merece ser cuidadosamente estudado, imitado e seguido até onde as condições técnicas e financeiras dos portugueses o permitam. O rejuvenescimento da indústria da pesca nesse porto é impressionante. Há ali, de facto, muito que observar e aprender, muito que transportar em matéria de conhecimentos da actividade piscatória tropical para os territórios portugueses e muito em especial para Angola, Guiné e Ilhas de Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe.

É que a indústria piscatória daquele porto africano é, na realidade, das mais prósperas, tendo na sua frente o futuro dos mais ridentes e promissores.

É, ponderado o exposto, porque não fazer o mesmo naquelas nossas províncias ultramarinas, com artes adequadas a esse fim, a construir logo que possível se torne?

A grande e eterna pesca do futuro

A este assunto já nos referimos, mas nunca é demais relembrá-lo.

As pescas nacionais praticam-se normalmente — e algumas delas com bastante permanência — ao longo dos planaltos continentais nacionais, africanos, gronelandés e, também nos férteis bancos da Terra Nova, além dos efectuados deficientemente, por falta de meios adequados para tanto, no Atlântico, por dois barcos, em locais daquele oceano, que ignoramos.

São todavia algo restritas as zonas

marítimas relativas ao exercício das pescas nacionais, as quais, contando já com alguns milhares de embarcações de diversos tipos, provocam, por isso e pela sua intensa actividade piscatória, a quase exaustão daquelas zonas do mar.

Assim, a pesca costeira, realizada com bastante permanência adentro da estreita faixa marítima, apresenta, pelas razões acima expostas, crises intermitentes que, de forma geral, afectam seriamente a classe piscatória, com o seu cortejo de funestas consequências.

A pesca do alto parece também enfermar do mesmo mal; e, a pesca longínqua, embora em melhor posição, lá virá o tempo, que não parece estar longe, em que será também atingida por crises de carácter intermitente ou permanente, com consequências económicas que se antevêem algo deploráveis.

As áreas de pesca exploradas — por vezes de extensão restrita — são quase sempre as mesmas. Os barcos para a prática do exercício de algumas das pescas aumentam constantemente em número e tonelagem. Os aparelhos de captura das diversas espécies ictiológicas, sendo cada vez mais perfeitos, revertem por isso cada vez mais rendosos. Resultado: a consequente e lógica exaustão dos pesqueiros de bem limitadas áreas e que, praticamente, são quase todos aqueles em que actualmente se exerce a actividade piscatória nacional.

A pesca da sardinha executada por meio de traineiras, é de forma geral praticada na faixa marítima de cerca de quatro milhas de largura e que envolve a costa portuguesa de Norte a Sul. Salvo os curtos períodos de defeso forçado ou imposto pela Lei, aquela estreita faixa de mar é quase permanentemente assaltada por grande número daquelas embarcações e por tantas outras artes de diversos tipos.

Não admira, portanto, que após algumas sucessivas e rendosas saídas, essa tão estreita mas longa zona piscatória se despovoe, não só por a espécie visada ter sido consecutivamente perseguida e colhida, senão, também, porque esse exercício intensivo de pesca, provocará a sua fuga para o mar, por força do instinto de conservação das espécies.

Outro tanto deverá vir a verificar-se de futuro, embora não em tão ampla escala, nas restantes áreas piscatórias demersais, devido à maior extensão delas, se é que tal facto se não está já a verificar e de forma apreciável e preocupante.

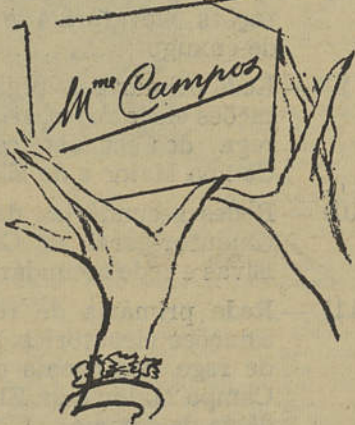
Salvador Mendes

Automóvel «CONSUL»

Como novo. Pode servir para a praça. Vende José Pereira Júnior, Estrada da Penha, 43, Telefone 416 — FARO.

QUALQUER PROBLEMA DE BELEZA TEM SOLUÇÃO

GRAÇAS AOS MARRAVILHOSOS PRODUTOS E TRATAMENTOS DE



AV. DA LIBERDADE, 35 — T. 321866
R. ALEX. HERCULANO, 24 T. 45548

Quem semeia em boa terra Colhe boa novidade



melhore as suas terras e colheitas usando os adubos mais recomendáveis.

na cultura da batata

utilize

SULFATO DE AMONIO

AP 5/A



OFERTA Frigideira de

PYREX SEDLEX



Omo, o melhor detergente, tem sempre para si as melhores ofertas! Só Omo lhe oferece brindes tão úteis e valiosos como esta bela frigideira de Pyrex que vai directamente à chama e ao forno e que tem absoluta garantia de troca.

Modernize e enriqueça o seu trem de cozinha com mais esta sensacional oferta Omo!

VAI AO FORNO E À CHAMA



SÓ 12.50

E 2 TAMPAS GIGANTES (4 GRANDES OU 8 NORMAIS) DE OMO

